

EUA negociarão direto com latinos

Washington — Os Estados Unidos apresentarão diretamente à América Latina e às Antilhas seu plano de ajuda aos países mais endividados do mundo, iniciativa que teve uma fria acolhida por parte do sistema bancário comercial, informaram ontem fontes diplomáticas.

Os detalhes do plano serão dados a conhecer na segunda-feira pelo presidente da Junta de Reserva Federal, Paul Volcker, aos embaixadores latino-americanos e das Antilhas na Casa Branca e na Organização dos Estados Americanos, em um simpósio organizado pela Fundação Carnegie para a Paz Internacional.

A fundação informou que na reunião se discutirão problemas financeiros e a dívida externa à luz do plano apresentado pelos Estados Unidos na conferência conjunta do Banco Mundial e do FMI, realizada há três semanas em Seul.

Volcker e o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker, deram a conhecer em Seul um programa destinado a fazer com que o sistema bancário privado mundial conceda vinte bilhões de dólares em novos empréstimos, nos próximos três anos, aos quinze países mais endividados do mundo.

O objetivo é fazer com que esses países, entre os quais figuram dez da América Latina, possam estimular seu crescimento e estar, assim, em melhores condições de pagar a dívida.

A maioria dos embaixadores credenciados na Casa Branca e na OEA anunciou que participará do encontro, principalmente os dos dez países que figuram no chamado Plano Baker e que são a Argentina, o México, o Brasil, Venezuela, Uruguai, Chile, Colômbia, Peru e Bolívia.

O embaixador argentino em Washington, Lúcio Garcia Del Solar, disse que considerava positiva a atitude de

Volcker, porque «antes estávamos em um diálogo de surdos».

Acrescentou que os Estados Unidos parecem estar procurando fórmulas «que no momento surgem um pouco timidas, mas que são interessantes porque estão ligadas ao crescimento de nossos países».

Garcia Del Solar citou o programa económico argentino para enfrentar a crise, o que indica que «nossos países também promovem esforços próprios e não só aguardam a ajuda externa».

Outros diplomatas disseram que consideram útil a reunião de segunda-feira, mas destacaram que não podiam emitir opiniões até ouvir Volcker.

Fontes financeiras adiantaram, por sua vez, que apesar de se observar uma certa abertura dos Estados Unidos, «as regras do jogo não parecem claras neste programa de empréstimos para pagar empréstimos».

«Esperamos que o simpósio seja considerado como uma oportunidade para um intercâmbio de opiniões e diálogos mais que um encontro convencional com discursos formais», revelou a Fundação Carnegie em seu convite para o encontro, denominado «Fórum do Hemisfério Ocidental».

Em outro encontro, promovido pelo Instituto de Finanças Internacionais, as autoridades da Junta de Reserva Federal e do Tesouro procuraram na última segunda-feira «vender» o plano dos Estados Unidos a representantes do sistema bancário internacional, mas estes o acolheram friamente ou com franca reserva, informaram fontes económicas.

Membros da Junta de Reserva Federal e do Tesouro se reunirão esta semana com executivos do Banco Mundial e do FMI, para discutir modificações na política e no procedimento desses organismos internacionais, diante da nova iniciativa dos Estados Unidos para abordar o problema da dívida.